Manifestação de gênero como alternativa conceitual na leitura do futebol LGBTQIAPN+

Gender manifestation as a conceptual alternative in the reading of LGBTQIAPN+ football

Vanrochris Helbert Vieira
Instituto Nacional de Ciências e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro, Brasil
Florianópolis, SC
vanrochris@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-0579-9064

Recebido em: 29 de maio de 2025
Aceito em: 18 de agosto de 2025

Resumo:

Propõe-se o conceito de "manifestação de gênero" para analisar a formação dos dois primeiros times de futebol LGBTQIAPN+ de Minas Gerais, Bharbixas e ManoTauros. A ferramenta de leitura proposta é apresentada como uma alternativa a análises baseadas nos conceitos de performatividade ou expressão de gênero. As dimensões espontânea, intencional e identitária das manifestações de gênero são acionadas como forma de apurar a análise a ser realizada. O trabalho empírico que dá suporte à pesquisa envolveu uma etnografia multissituada, com observações participantes, entrevistas e etnografia de tela. Identificou-se que, na formação desses times, o Bharbixas apresentava-se como um time afeminado, enquanto o ManoTauros busca ativamente se aproximar de uma masculinidade cisheteronormativa. Foi possível concluir que o uso do conceito de manifestação de gênero possibilitou a observação de importantes processos identitários por trás das trajetórias coletivas compartilhadas pelos membros das duas equipes.

Palavras-chave: Manifestação de gênero. Performatividade de gênero. Futebol LGBTQIAPN+. Futebol gay. Masculinidades gays.

Abstract:

The concept of "gender manifestation" is proposed to analyze the formation of the first two LGBTQIAPN+ football teams in Minas Gerais, Bharbixas and ManoTauros. The proposed reading tool is presented as an alternative to analyses based on the concepts of performativity or gender expression. The spontaneous, intentional, and identity-generative dimensions of gender manifestations are used as a way to refine the analysis to be carried out. The empirical work that supports the research involved a multi-sited ethnography, with participant observations, interviews, and screen ethnography. It was identified that, in the formation of these teams, Bharbixas presented itself as an effeminate team, while ManoTauros actively seeks to approach a cisheteronormative masculinity. It was possible to conclude that the use of the concept of gender manifestation made it possible to observe important identity processes behind the collective trajectories shared by the members of both teams.

Keywords: Gender Manifestation. Gender Performativity. LGBTQIAPN+ Football. Gay Football. Gay Masculinities.

Introdução

A primeira equipe brasileira de futebol amador composta por pessoas LGBTQIAPN+[1] surgiu em 1990, em São Paulo, a partir de um grupo de amigos gays que praticavam o esporte. Naquela época, no entanto, o Real Centro ainda não se reconhecia como um time de "futebol gay" – e muito menos "LGBTQIAPN+". Depois disso, alguns novos times foram surgindo. No entanto, somente em 2017, ocorreu um boom na criação de times compostos por pessoas LGBTQIAPN+ no Brasil, tendo sido criadas ao menos 12 novas equipes. Nesse mesmo ano, surgiram a LiGay, liga nacional desses times, e o Champions LiGay, campeonato nacional da liga. Também foram criados, em 2017, os dois primeiros times da cidade de Belo Horizonte: Bharbixas e ManoTauros. Naquele momento, as equipes brasileiras já se reconheciam como times de "futebol gay". No entanto, no início da década de 2020, a nomeação oficial adotada pela LiGay foi alterada para "futebol LGBTQIA+".[2] Apesar dos esforços de inclusão, a maior parte dos times ainda é formada quase exclusivamente por homens gays e bissexuais, inclusive esses dois times belorizontinos.

Foi também em 2017 que iniciei meu doutoramento, em Minas Gerais. A criação das duas equipes chamava a atenção, não apenas pela novidade que traziam, mas também pela discrepância nos perfis dos dois times, que podia ser facilmente percebida pelo contato com seus membros e pelas postagens dos dois times nas mídias sociais. Enquanto o Bharbixas se definia como uma equipe de jogadores afeminados, o ManoTauros buscava gerar uma imagem de masculinidade para si. Também se destacava a consciência que esses jogadores tinham das diferenças existentes entre eles. A discussão a seguir se baseia na proposição do conceito de *manifestação de gênero* para examinar dinâmicas presentes nos primeiros anos de existência desses dois times.

Entre 2018 e 2023, realizei uma etnografia multissituada com observações participantes em partidas, treinos e peladas das duas equipes. As idas a campo não tiveram uma regularidade fixa: eram combinadas com os interlocutores conforme datas

[1] Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Transexuais, Travestis, *Queers*, Intersexuais, Pansexuais, Não-bináries e outras minorias relacionadas a orientação sexual, identidade de gênero, anatomia sexual e manifestação de gênero. Essa é a sigla atual que engloba uma maior gama de categorias identitárias não cisheteronormativas. Por isso, foi ela a adotada neste trabalho.

[2] Atualmente, as diferentes nomenclaturas ainda coexistem, com algumas equipes ainda utilizando o termo "futebol gay", em alguns momentos. O caso do Bharbixas chama atenção nesse histórico, pois o time já nasceu se autodenominando uma equipe de "futebol LGBT", algo precursor para aquele momento. Desde o começo, essa equipe esteve bastante engajada nas pautas de inclusão, tendo sido a primeira a contar com uma mulher na composição do time durante jogos do Champions LiGay.

consideradas mais significativas ou pertinentes por eles. Entre os eventos acompanhados estiveram o jogo comemorativo de um ano de criação do Bharbixas, ocorrido no estádio Mineirão, e a 5ª edição do Champions LiGay. Apresentei-me aos grupos como pesquisadore e realizei uma etnografia majoritariamente baseada na observação, com interação limitada com os interlocutores. Na maior parte das ocasiões, acompanhei as interações à margem, mantendo somente algumas conversas informais. Em uma ocasião, no entanto, participei de uma pelada organizada pelo Bharbixas, jogando com os membros da equipe presentes, parte do tempo, a convite de um dos interlocutores.

Durante o período da pesquisa, entrevistei formalmente quatro membros e ex-membros do Bharbixas e três membros e ex-membros do ManoTauros.[3] Os entrevistados foram selecionados por amostragem em bola de neve. A maior parte esteve diretamente envolvida na criação dos times, tendo ocupado cargos de liderança nas equipes. Todos eram de classe média e tinham curso superior, com idades entre 24 e 44 anos. Com base nas possibilidades fornecidas por cada interlocutor, foram realizadas seis entrevistas semiestruturadas – três presenciais e três por videochamada – e uma entrevista estruturada, via chat. O roteiro das entrevistas abordava suas trajetórias pessoais no futebol, a experiência deles nos times pesquisados e suas opiniões sobre o futebol LGBTQIAPN+. Todo o material foi submetido à análise do discurso.

Também, durante todo o período, realizei uma etnografia de tela (Rial, 1995)[4], que funcionou como uma adição às observações de campo presenciais. Analisei os perfis institucionais das duas equipes no *Instagram* e no *Facebook*, observando imagens, vídeos, textos e comentários de postagens que se relacionavam com o objetivo da pesquisa. As estratégias utilizadas nessa atividade consistiram em analisar as autoimagens que as equipes construíram nessas plataformas e levantar informações

[3] O número total de entrevistados (sete) coincide com o número de jogadores em uma equipe de futebol *society* (ou *fut-7*), formato oficial dos jogos do Champions LiGay. Por isso, os entrevistados foram tomados simbolicamente como o "time escalado" para a realização da pesquisa.

[4] A etnografia de tela envolve uma observação de campo mediada por dispositivos eletrônicos, como computadores e *smartphones*. Optei pela etnografia de tela, e não por outras propostas metodológicas de etnografia online – como é o caso da netnografia (Soares; Stengel, 2021), por exemplo – pelo fato de a etnografia de tela não ser uma metodologia construída exclusivamente em torno das dinâmicas online, mas sim como uma extensão dos processos etnográficos tradicionais a partir da comunicação mediada por meios de comunicação, o que facilita o trabalho em conjunto com a observação participante realizada.

sobre eventos em que estiveram envolvidas. Todo o material observado era de acesso público.

Como também faço parte da comunidade LGBTQIAPN+[5], o engajamento com temas relacionados à inclusão, ao respeito à diversidade permeou minhas interações com o campo. No entanto, eu não tinha familiaridade prévia com o universo do futebol. Assim, foram observados processos a partir do meu conhecimento previamente desenvolvido sobre a comunidade LGBTQIAPN+, enquanto houve um estranhamento quanto à sua aplicação no novo território do futebol – o que acabou se mostrando potente para o desenvolvimento da etnografia. Na apresentação dos resultados, foram realizados esforços para proteger o anonimato dos interlocutores, que são referidos a partir do uso de nomes fictícios.

Quando iniciei a pesquisa, ainda não havia publicações específicas sobre o fenômeno do "futebol gay" no país. Desde então, importantes autoras, autores e autorus têm desenvolvido a temática. Entre os trabalhos realizados, destaco os de Flávio Amaral e Victor Bueno (2018), que discutiram a repercussão do primeiro Champions LiGay, Julian Silvestrin e Alexandre Vaz (2020), que abordaram a criação do primeiro time composto por homens trans e pessoas transmasculinas (o Meninos Bons de Bola), e Wagner Camargo (2021, 2022), que apresentou o resultado de etnografias realizadas em diferentes edições do Champions LiGay.

Antes de iniciar a discussão desta pesquisa, gostaria de indicar que proporei a utilização do termo "*amasculação*" para criar um paralelo com a palavra "afeminação", reiterando o entendimento de que a masculinidade não é uma característica inata. Igualmente, substituirei "másculo" por "*amasculado*" para criar uma correspondência com "afeminado". O termo "afeminado" é comumente utilizado para descrever homens com características consideradas inadequadas em relação ao gênero com o qual foram designados, sugerindo um processo "indesejado" de se tornar feminino. O termo "másculo", por outro lado, é visto frequentemente como uma qualidade natural de sujeitos do gênero masculino, representando uma manifestação de gênero que, supostamente, não precisaria de marcação. Ao introduzir o termo "amasculado"[6],

[5] Eu sou uma pessoa não-binária. Para demarcar a existência dessa identidade, ainda muito invisibilizada, componho o texto a partir da utilização da linguagem neutra, por meio da qual eu me refiro a mim mesmo.

[6] A diferenciação entre os termos "amasculado" e "emasculado" é fundamental, pois eles carregam significados distintos. Enquanto "emasculado" se refere a um processo de castração ou perda da virilidade, "amasculado" indica uma manifestação de gênero ligada aos padrões de masculinidade

pretendo ressaltar o processo dinâmico e socialmente moldado de formação das masculinidades, tal como demonstrado por Raewyn Connell e James Messerschmidt (2013).

A discussão que se segue começa com uma abordagem do conceito de *performatividade de gênero*, amplamente utilizado para interpretar dados empíricos em contextos semelhantes aos desta pesquisa. Em seguida, introduzo o conceito de "manifestação de gênero", explicando como ele se diferencia da performatividade e oferece uma abordagem alternativa a esse campo de estudos. Para realizar esta análise, divido a manifestação de gênero em três dimensões: espontânea, intencional e identitária. A partir disso, realizarei uma discussão sobre a manifestação de gênero de jogadores do Bharbixas e do ManoTauros durante o processo de formação das duas equipes, destacando aspectos que ilustram como essas manifestações de gênero se apresentavam. Finalmente, explorarei como o conceito de manifestação de gênero pode ser sistematizado para enriquecer o cenário estudado, oferecendo novas perspectivas sobre a dinâmica dos times LGBTQIAPN+ e suas interações.

Análise do gênero através da lente da performatividade

A partir do conceito de performatividade de gênero, Judith Butler (2003) afirma que a identidade de gênero não é uma essência. Ao invés disso, ela é o resultado de um conjunto de atos e gestos socialmente atribuídos aos sujeitos e repetidos ao longo do tempo. Desse modo, para ê autore[7], o gênero se forma através de ações reiteradas que criam a ilusão de uma identidade de gênero consistente, sendo equivocada a ideia de uma identidade de gênero "verdadeira": "o gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um locus de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma *repetição estilizada de atos*" (Butler, 2003: 200, grifo dê autore). Ê autore afirma que não há um núcleo psicológico da identidade de gênero, uma vez que a repetição reiterada de atos e gestos é o que cria a percepção de um eu

tradicionais. É necessário fazer essa diferenciação porque "afeminado" e "efeminado", por outro lado, são termos intercambiáveis.

[7] Judith Butler prefere ser referide pelos pronomes *they/them*, em inglês. Portanto, também irei me referir a essu autore por meio de linguagem neutra. Para isso, serão utilizados, principalmente, o artigo definido "ê", o pronome pessoal "elu" e o adjetivo "autore".

generificado, e não o contrário. Nesse sentido, não seria possível "expressar" uma essência interior, já que ela seria apenas uma construção performativa: "não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é *performativamente* construída, pelas próprias 'expressões' tidas como seus resultados" (Butler, 2003: 48, grifo dê autore). Por isso, ê autore destaca que é fundamental distinguir entre expressão e performatividade.

Nesse processo, Butler (2002) ressalta que as pessoas não escolhem seu gênero, tal como alguém escolhe vestir uma peça de roupa. O gênero, ao invés disso, é uma estrutura social preexistente e coercitiva que condiciona nossos comportamentos. Ao invés de sermos livres para definir nosso próprio gênero, somos coagidos a nos conformar com as normas de gênero já estabelecidas. Assim, o conceito de performatividade está ligado à forma como as normas de gênero são impostas e internalizadas de maneira obrigatória. A performatividade não é sobre uma "atuação" livre, mas sobre o gênero enquanto construção social que molda e limita gestos e comportamentos.

> A performatividade do gênero sexual não consiste em eleger de qual gênero seremos hoje. Performatividade é reiterar ou repetir as normas mediante as quais nos constituímos: não se trata de uma fabricação radical de um sujeito sexuado genericamente. É uma *repetição obrigatória* de normas anteriores que constituem o sujeito, normas que não se pode descartar por vontade própria.[8] (Butler, 2002: 64-65, grifo meu, tradução minha)

No entanto, ê autore distingue os processos incônscios da perfomatividade dos relacionados a outro conceito proposto por elu: o de "performance", processo voluntário por meio do qual sujeitos como drag queens expõem e satirizam a artificialidade do gênero. Mas Butler (2002, 2003) enfatiza que o potencial ambivalente dos atos de gênero permite que a intencionalidade esteja presente, de certas maneiras, mesmo em processos performativos. Isso é possível devido às brechas que os sujeitos encontram nas normas regulatórias, que possibilitam resistências e deslocamentos dentro do processo de repetição de gênero. Um exemplo desse potencial pode ser visto em casais compostos por lésbicas *butch* e *femme*. Elas agem, respectivamente, de maneira

[8] Do original: "La performatividad del género sexual no consiste en elegir de qué género seremos hoy. Performatividad es reiterar o repetir las normas por las cuales nos constituimos: no se trata de una fabricación radical de un sujeto sexuado genéricamente. Es una repetición obligatoria de normas anteriores que constituyen al sujeto, normas que no se pueden descartar por voluntad propia."

"masculina" e "feminina", como se parodiassem casais heterossexuais. Butler (2003) enfatiza que, quando uma lésbica *butch* reproduz uma performatividade masculina, ela não está simplesmente reiterando o modelo heterossexual, mas também desestabilizando o sistema de repetição de gênero. Butler (2003: 60) acredita que a performatividade de gênero "pode ocasionar a proliferação parodística e o jogo subversivo dos significados do gênero". Isso porque, para ê autore, as normas não apenas reforçam os binarismos, mas também permitem subvertê-los. Os sujeitos não são completamente moldados pelas normas, mas os processos de subversão só podem ocorrer dentro da lógica da repetição. Portanto, a questão não é sobre repetir ou não, mas sim sobre como repetir.

Contudo, podemos encontrar alguns desafios ao aplicarmos a perspectiva de Butler (2002, 2003) para discutir a identidade de gênero de pessoas transgêneras.[9] Se as pessoas cisgêneras acreditam ter uma identidade de gênero em conformidade com os atos e gestos que lhes foram atribuídos desde a infância, as pessoas trans se veem pertencentes a um gênero cujos atos e gestos diferem dos que a "heterossexualidade compulsória" lhes força a adotar. Isso significa que pessoas trans são frequentemente impedidas ou coagidas para não se comportarem da forma associada ao gênero com o qual se identificam. Algumas pessoas trans passam grande parte de suas vidas agindo em conformidade com as normas relacionadas ao seu gênero de designação, mesmo não se sentindo pertencentes a ele. Isso indica que a formação da identidade de gênero delas pode não derivar apenas da repetição de atos e gestos, o que sugere que a identidade de gênero talvez não seja apenas uma ilusão gerada por essas repetições. Além disso, a visão de Butler (2002, 2003) pode não se adequar completamente, por exemplo, às discussões sobre "bichas", homens afeminados que continuam a se reconhecer como homens apesar de suas ações e gestos reiteradamente repetidos serem frequentemente associados ao feminino (Colling; Arruda; Nonato, 2019).

Butler (2018) é bastante crítica em relação à visão, apontada por ela como dominante, de que os atos e gestos são a expressão direta de uma identidade de gênero interna. Elu argumenta que, popularmente, o gênero costuma ser percebido como um

[9] Paul Preciado (2014) indica algumas limitações da perspectiva de Butler (2023), enfocando o papel de outras práticas, como farmacológicas, médicas e pornográficas, nos processos de formação do gênero. No entanto, a análise do trabalho de campo que realizei nesta pesquisa chama a atenção para outros desafios na aplicação do conceito de performatividade, assim como proposto por Butler (2023), que serão discutidos a seguir.

núcleo psicológico que se alinha ao sexo biológico, tal como um reflexo de algo mais profundo ou espiritual. Ê autore se refere a esse imaginário como uma "teoria implícita e popular sobre os atos e gestos como *expressivos* do gênero" (Butler, 2018: 13, grifo dê autore). No entanto, embora Butler (2018) não atribua essa visão ao campo científico, o psiquiatra Robert Stoller (1984) já havia desenvolvido uma abordagem semelhante com base em uma pesquisa com pacientes diagnosticados com "distúrbio de gênero" – apesar de Stoller (1984) ter sido um pioneiro nessa área, sua pesquisa ainda estava alinhada com algumas concepções médicas da época sobre a transgeneridade.

Stoller (1984) oferece uma perspectiva diferente em relação à identidade de gênero, sugerindo que, por volta dos dois anos de idade, as crianças já desenvolvem um núcleo da identidade de gênero, que é "praticamente imutável" depois disso. O autor reconhece a influência tanto de fatores biológicos quanto sociais na formação da identidade de gênero, mas enfatiza que os fatores sociais teriam um impacto preponderante, não sendo os biológicos "essenciais" nesse processo. Entre os fatores sociais, estão a atribuição de gênero baseada nos órgãos genitais e a interação da criança com seus familiares. Porém, para ele, esse processo não implica numa definição rígida sobre o que significa ser homem ou mulher, pois esse é um entendimento moldado e aprendido de acordo com a socialização. De acordo com o autor, a identidade de gênero se forma e se ajusta com base nas interações sociais e culturais, desafiando a ideia de uma determinação biológica. Dessa forma, mesmo defendendo uma identidade de gênero fixa, o autor se distancia de um biologicismo que poderia ser atribuído a essa perspectiva.

Nesse sentido, para Stoller (1984), a transgeneridade, por exemplo, não teria uma "causa" biológica. De toda forma, a busca por causas para os fenômenos sociais frequentemente está ligada a tentativas de intervenção e controle. Por isso, ao invés de se tentar identificar causas específicas, seria mais potente pensar que a identidade de gênero surge não porque as categorias "homem" e "mulher" são naturais, mas porque processos de socialização e fatores psicológicos fazem com que as pessoas se percebam e se identifiquem de uma dessas formas. A partir dessa perspectiva, seria possível supor que a identidade de gênero é uma construção que não se restringe às imposições da heterossexualidade compulsória, sendo formada também por uma formação mental que transcende a aparência externa. De todo modo, o corpo desempenha um papel crucial nesse processo, refletindo a história individual e as influências culturais e discursivas.

Afinal, como afirma Guacira Louro (2000: 71), “o locus da construção das identidades é o corpo. Ali se inscreve e, consequentemente, se pretende ler a identidade dos sujeitos. Marcado pela história, moldado e alterado por distintos discursos e práticas disciplinadoras”.

Durante a 5ª edição do Champions LiGay, ocorrido em Belo Horizonte, em 2019, realizei algumas entrevistas complementares com jogadores de outros times do país. Para um dos jogadores entrevistados, as pessoas possuem *tendências pessoais* para agir de forma mais “masculina” ou mais “feminina” em relação a gênero: “tem pessoas que têm tendências, né? A serem mais másculas, e tem pessoas que têm tendências, a palavra que é utilizada, mais afeminada. E, no mundo gay, tem essas diferenças”. Se ele estiver certo, poderíamos pensar, em conformidade com a discussão anteriormente realizada, que essas tendências não são resultado de predisposições biológicas para agir “como homem” ou “como mulher”, mas sim para adotar certos comportamentos que são *associados* a cada gênero a partir de *leituras culturais*. No contexto do Bharbixas, foi possível observar que a identificação com figuras midiáticas, como a cantora Anitta, indica que *identificações culturais* e referências externas não normativas podem influenciar e moldar as manifestações de gênero.

Finalmente, uma abordagem mais integrada para compreender a construção da identidade de gênero poderia transcender a *dicotomia entre expressão e performatividade* (Butler, 2002; 2003). Ao invés de entender a repetição de atos e gestos como um processo unidirecional, que engendra a identidade de gênero, poderíamos considerar esse processo como marcado por uma *mútua afetação*, em que a identidade de gênero também influencia a forma como os indivíduos adotam esses atos e gestos. Esse ciclo pode sugerir que a identidade de gênero não é apenas o resultado de uma repetição obrigatória, mas também um fator que reforça essas repetições. Além disso, a *identificação* com figuras masculinas ou femininas, por exemplo, poderia desempenhar um papel na formação da identidade, integrando outras influências externas ao processo. De toda forma, ao focar na “*manifestação de gênero*”, podemos obter uma perspectiva alternativa que observa como os atos e gestos se manifestam sem precisar determinar sua origem.

Enfoque na manifestação de gênero

De acordo com a *abordagem pragmatista* proposta por William Thomas e Dorothy Thomas (1928), o que é considerado real pelos sujeitos torna-se real em suas consequências.[10] Essa perspectiva desvia-se da busca pela "natureza" ou "essência" dos fenômenos e foca nos seus significados e repercussões (França; Simões, 2014). Em vez de tentar identificar uma ontologia, o pragmatismo se concentra nos *resultados* dos processos. Quando aplicamos essa visão ao conceito de gênero, o foco se desloca para como as *manifestações* de gênero são percebidas e para os efeitos sociais que produzem; não para a natureza – "verdadeira" ou não – das identidades de gênero. Afinal, a partir da perspectiva defendida por Thomas e Thomas (1928), a forma como uma pessoa é identificada socialmente tem implicações reais tanto para ela quanto para seus interlocutores. A afeminofobia, que é a discriminação contra pessoas consideradas afeminadas, por exemplo, pode se manifestar até mesmo contra homens cisgêneros e heterossexuais. Isso se dá porque certas manifestações de gênero provocam reações e são percebidas socialmente de formas específicas.

No contexto dos times de futebol LGBTQIAPN+ analisados, observei que indivíduos identificados como homens podem adotar comportamentos que não seguem padrões de masculinidade. Isso desafia tanto a noção de *expressão de gênero* – que aponta que se identificar como homem levaria a um comportamento masculino – quanto a ideia de *performatividade de gênero* – que sugere que a repetição de atos "femininos" conduziria à ilusão de ser uma mulher. Para tentar entender como essas questões se colocam no âmbito do futebol LGBTQIAPN+, proponho aqui o conceito de "*manifestação de gênero*", que se distancia da *dicotomia entre performatividade e expressão de gênero* e se concentra no que é efetivamente observado. Em vez de se questionar sobre a origem da identidade de gênero, seja ela um núcleo psicológico ou o resultado da repetição de atos e gestos – em outras palavras, se ela surge *do lado de dentro* ou *do lado de fora* –, a manifestação de gênero enfoca em como o gênero se apresenta de forma concreta.

Tanto a performatividade quanto a manifestação de gênero envolvem uma *externalidade* do gênero. No entanto, enquanto a performatividade criaria a ilusão de uma identidade de gênero correlata, a manifestação de gênero não está necessariamente

[10] Esse postulado é conhecido como "Teorema de Thomas".

ligada a uma identidade específica – seja ela real ou fictícia. Assim, qualquer pessoa pode apresentar atos e gestos relacionados ao feminino, por exemplo, independente de se identificar como homem ou como mulher. Da mesma forma que a expressão de gênero, a manifestação de gênero pode estar associada à *internalidade* do gênero, a partir de "tendências" pessoais para agir de certas maneiras, como consideramos anteriormente. No entanto, essas tendências não precisam estar conectadas à identidade de gênero do indivíduo. Isso desafia a ideia de que a forma como o sujeito se comporta em relação a gênero deve corresponder a uma identidade pré-definida.

A manifestação de gênero se reflete de várias maneiras, sendo uma das mais evidentes a *caracterização corporal* dos sujeitos em relação aos padrões de leitura culturalmente compartilhados. Esses padrões podem incluir a aparência física, a voz, os gestos, etc., todos lidos a partir das normas sociais específicas sobre o que é considerado masculino ou feminino. Tais aspectos são centrais porque estão diretamente impressos no *corpo*, incidindo fortemente na percepção que os outros têm do indivíduo. Esse aspecto da manifestação de gênero inclui *características anatômicas*, como ter barba ou seios, *elementos inscritos no corpo*, como roupas e maquiagens, e também a forma como os *gestos corporais* são realizados, como a maneira como a pessoa se movimenta ou fala. Além disso, a manifestação de gênero também pode abranger *preferências pessoais*, como brincar de boneca ou jogar futebol, e *atribuição de características* associadas a diferentes gêneros, como força ou sensibilidade, que são avaliadas como virtudes ou defeitos com base na conformidade com as normas de gênero. Portanto, a forma como uma pessoa manifesta seu gênero pode alinhar-se ou entrar em desacordo com as expectativas sociais, refletindo uma ampla gama de possibilidades.

É importante destacar que *não há um padrão binário* para a manifestação de gênero. Uma mesma pessoa pode ser *considerada* afeminada ou amasculada, dependendo de como seus comportamentos e características são vistos. Na realidade, todas, todos e todes nós combinamos elementos tradicionalmente associados a ambos os gêneros. Nesse sentido, a relação entre a identidade de gênero *não-binárie* e uma manifestação de gênero "andrógina", por exemplo, é equivocada. *Todas, todos e todes nós* manifestamos padrões relacionados a ambos os gêneros normativos, em diferentes proporções. Até mesmo a discussão sobre performatividade de gênero (Butler, 2003) enfatiza que a reprodução de gênero nunca é perfeita. Dessa forma, é possível identificar pessoas afeminadas (com manifestações de gênero percebidas como

femininas) ou amasculadas (com manifestações de gênero percebidas como masculinas), independentemente de sua identidade de gênero (homens, mulheres, não-bináries, etc.). Nesse sentido, as categorias "*afeminação*" e "*amasculação*" podem ser vistas justamente como maneiras de conceituar manifestações de gênero dentro de um esquema binário, que pressupõe uma conexão com padrões masculinos ou femininos.

A manifestação de gênero pode resultar tanto de escolhas deliberadas quanto de apresentações espontâneas. A *manifestação de gênero espontânea* é aquela que não passa por uma decisão reflexivamente construída, mas sim pela forma como o indivíduo se apresenta de forma involuntária. Por exemplo, um menino afeminado não escolhe ser afeminado. Ele simplesmente manifesta essa característica espontaneamente. Alguns meninos afeminados podem até tentar se amascular sem conseguir fazer isso. Isso é exemplificado pelo depoimento de um jogador de vôlei gay entrevistado por Jarlson Silva, Iraquitan Caminha e Bertyza Fernandes (2021: 313) que relata a experiência de ser afeminado sem intenção ou esforço consciente para se comportar desse modo: "'sofri na escola, talvez pelo meu jeito, meu comportamento, e não era nada proposital, era de mim mesmo, aquele que você às vezes tem um trejeito, uma coisa mais afeminada, que você não percebe, que você não faz esforço para que aquilo aconteça, mas acontece'". Da mesma forma, a amasculação espontânea é vivida por parte dos meninos sem que eles tenham a intensão consciente de moldar seu comportamento de acordo com as normas de gênero masculinas. Esse tipo de manifestação revela como aspectos de gênero podem emergir de forma espontânea, sem interferência, escolha ativa ou tentativas de conformidade com padrões normativos.

No entanto, a influência da afeminofobia pode levar meninos a adotarem comportamentos mais amasculados como uma forma de evitar preconceitos e violências associados à afeminação, tornando a manifestação de gênero uma escolha estratégica em resposta a essas pressões sociais. Nesse cenário, surge uma *manifestação de gênero intencional*, sendo adotada estrategicamente pelo indivíduo para alcançar objetivos específicos. Dessa mesma forma, uma pessoa que espontaneamente se apresenta de maneira amasculada pode adotar uma manifestação afeminada para ridicularizar a afeminação, por exemplo. Por outro lado, alguém que se manifesta espontaneamente de forma afeminada pode reforçar ainda mais essa característica; ou alguém que se manifesta espontaneamente de forma amasculada também pode decidir intensificar essa

apresentação. Assim, podem ocorrer sobreposições entre as manifestações de gênero espontâneas e intencionais. As observações realizadas em campo revelam que, no Bharbixas e no ManoTauros, essas dinâmicas eram frequentes, com membros ajustando aspectos de sua manifestação de gênero conforme diferentes estratégias. Isso mostra que a *dicotomia entre performatividade e performance* (Butler, 2003) também não se aplicaria da mesma forma ao pensar o gênero a partir de sua manifestação, uma vez que os conceitos de performatividade e performance se sobreporiam menos, sendo a performance uma prática voluntária, enquanto a performatividade só carregaria intencionalidade de forma mais potencial e restrita.

Leandro Colling, Murilo Arruda e Murillo Nonato (2019) propõem uma abordagem alternativa para entender as dinâmicas de gênero de gays afeminados, adaptando o conceito de performatividade de Butler (2003) e introduzindo o termo "perfechatividade de gênero". Essa expressão se refere à gíria "fechação", usada para representar uma forma de manifestação de gênero hiper-afeminada. Os autores investigam se esse comportamento pode ser analisado através da lente da performatividade de Butler (2003), dando a ver uma repetição de atos de gênero que desafia as normas sociais, ou se deve ser entendida como uma performance consciente e deliberada, semelhante ao comportamento das drag queens descrito pele autore. A pesquisa revela que a distinção entre performatividade e performance não é suficiente para capturar a complexidade da perfechatividade, indicando que esse fenômeno não se encaixa perfeitamente em nenhuma das categorias propostas.

> [...] os gays afeminados e fechativos nos ensinam muito mais do que a oposição entre performance e performatividade. Essas gays (assim no feminino, como muitas delas se autoidentificam) também borram a fronteira entre performatividade e performance de gênero, fronteira essa que, paradoxalmente, como vimos, foi pensada por Butler de forma rígida, talvez pela necessidade de responder aos seus críticos. (Colling; Arruda; Nonato, 2019: 23)

Os autores destacam que gays afeminados frequentemente intensificam seu comportamento afeminado em algumas situações, sugerindo que, nesses momentos, a ideia de performance pode ser mais adequada para descrever suas ações. No entanto, em outras circunstâncias, quando sentem que podem se colocar em risco por causa da afeminofobia, esses indivíduos podem suavizar a sua afeminação e adotar comportamentos mais alinhados com a masculinidade, refletindo uma estratégia

consciente de ajuste. Essa alternância entre "ficar molinho" e "ficar durinho", como dizem os autores, pode demonstrar uma dinâmica entre manifestações de gênero mais espontâneas e mais intencionais, sugerindo uma adaptação contínua às demandas sociais e pessoais.

No entanto, a distinção entre "ficar molinho" e "ficar durinho", segundo os autores, não deve ser vista como uma separação rígida, pois, frequentemente, esses estados se entrelaçam. Isso porque, mesmo quando um indivíduo adota comportamentos mais amasculados, traços de afeminação resultantes de repetições anteriores podem persistir. Da mesma forma, durante a manifestação afeminada, características de masculinidade, que são emuladas em outros momentos, podem emergir sem intenção. Para os autores, essa dimensão do fenômeno pode ser melhor compreendida através do conceito de performatividade de gênero: a repetição contínua de gestos e comportamentos resultaria na internalização deles, revelando uma limitação na habilidade de controlar completamente a forma como se apresentam. De acordo com os conceitos que proponho neste artigo, essas observações indicam a impossibilidade de separar nitidamente as manifestações de gênero espontâneas e intencionais. Gestos espontâneos podem ocorrer *em meio* a uma manifestação de gênero intencional, assim como gestos intencionais podem se tornar tão *habituais* que são *repetidos* de forma *irrefletida*.

Na análise do Bharbixas, observei que alguns jogadores exibiam comportamentos que poderiam ser interpretados como caricaturas ou estereótipos de afeminação, especialmente durante os jogos e em postagens nas redes sociais da equipe (como abordarei na seção seguinte). Essa manifestação de gênero, às vezes percebida como uma forma de "zoação" ou brincadeira, sugere que, em alguns momentos, a exibição de traços afeminados pelos integrantes do time poderia ser *mais intencional do que espontânea*. O mesmo vale para a manifestação mais amasculada dos membros do ManoTauros. Esses comportamentos, semelhantes às performances descritas por Butler (2003), servem a propósitos específicos e têm implicações políticas. Em vez de simplesmente refletir a "identidade" desses sujeitos, essas *potencializações* podem reafirmar e *defender* uma forma de manifestação de gênero que é espontânea para o indivíduo, mas que, ao ser apresentada de forma *hiperbólica*, adquire uma nova dimensão política e social.

Para examinar os times Bharbixas e ManoTauros, considerar a afeminação e a amasculação apenas como aspectos de performatividade, sem concebê-las como elementos centrais das suas identidades, pode levar a uma compreensão incompleta dessas experiências. Isso porque essas características podem ser fundamentais para a forma como esses sujeitos se percebem e se definem. Tradicionalmente, a identidade de gênero é discutida em termos de categorias como homem, mulher ou não-binárie, por exemplo, mas a análise dos times nos mostra que a afeminação e a amasculação também podem formar identidades próprias através do que chamo de *manifestação de gênero identitária*. Essa abordagem considera um entrelaçamento entre manifestação e identidade na construção do gênero, como a manifestação – ser afeminado ou "masculino" (amasculado) – tornando-se parte integrante de como essas pessoas vivem e compreendem suas próprias identidades.

Bharbixas e ManoTauros

O ManoTauros emergiu como uma cisão do Bharbixas, aproximadamente seis meses após a criação do primeiro time. Desde o início do Bharbixas, porém, já havia indícios da existência de uma tensão interna, uma vez que os fundadores do novo time apresentavam um grande distanciamento em relação ao restante da equipe. Dessa forma, a formação do ManoTauros foi uma consequência da dinâmica interna já existente, refletindo fortes diferenças entre os primeiros membros do Bharbixas. Roberto (Bharbixas) relembrou que, quando foi convidado a participar do grupo de *WhatsApp* do time, logo após a sua fundação, percebeu que o grupo estava divido em dois.

> No início, eu entrei, tava uma discussão danada no grupo. Era uma confusão danada. Era claro que tinham dois movimentos. Um de pessoas que queriam jogar futebol. Parecia que eram os mais focados só no futebol e, pela forma como se expressavam, pela forma como as discussões caminhavam, *parecia ser até cis mesmo ou hétero*... Não hétero próprio. Mas o jeito que o outro grupo era, pelo que eu entendia, pelo que eu via, ouvia dos áudios, via os memes que mandavam, era um grupo de pessoas talvez mais afeminadas e que tavam pensando não só no futebol, mas no movimento. E isso criou uma discussão principalmente no nome do time. E quem não concordava com "Bharbixas" falava exatamente que não queria reproduzir o conceito de bicha, que não queria levar isso e que queriam nomes de times mesmo de futebol. Igual depois nasceu "ManoTauros", que foi um outro time de um ex-membro que saiu e fundou. (Roberto, Bharbixas)

Naquele momento, tanto os membros que permaneceriam no Bharbixas quanto os que viriam a formar o ManoTauros ainda faziam parte da mesma equipe, tornando difícil identificar qual deles representava a "verdadeira" identidade do time. Havia uma tensão latente em torno de qual modelo de masculinidade deveria prevalecer. Fora desse contexto, o homem másculo e viril representa o padrão hegemônico (Connell; Messerschmidt, 2013). Contudo, dentro do time, essa hierarquia não se estabelecia automaticamente. Roberto (Bharbixas) relembrou que, na definição da identidade visual da equipe, surgiram diversos conflitos entre os membros: "alguns que não queriam rosa, alguns que não queriam o veadinho lá. Não queriam nada que ligasse ao LGBTQI+. Algumas pessoas queriam um meio pra jogar futebol com gays, mas que fosse do mesmo jeito praticamente que é o hétero cis". Esse contraste deixava evidente a polarização: enquanto um grupo buscava se distanciar de signos associados à comunidade LGBTQIAPN+, aproximando-se da cisheteronormatividade, o outro grupo abraçava esses signos como parte de sua identidade coletiva. As posições não só eram diferentes, como também opostas. Roberto (Bharbixas) contou que, quando participou de uma pelada do time pela primeira vez, ele constatou que a divisão já evidente no *WhatsApp* também se refletia no espaço físico em que eles jogavam.

> Cheguei lá, e o que que eu vi? Exatamente dois grupos. Num canto, um grupo de gays padrão cis, com camisas de time, camisas, sei lá, do Cruzeiro, do Atlético, do Flamengo, da Argentina, e batendo bola, brincando com a bola já. Conversando mais grosso, com um estilo *muito mais padrão*. E, de um outro lado, uns gays mais afeminados dançando, tocando Beyoncé, Anitta, e a galera dançando e rebolando. (Roberto, Bharbixas)

Portanto, a separação entre os grupos não era apenas ideológica: ela se manifestava também de forma concreta, por meio de um isolamento espacial. Pedro (Bharbixas) defendeu que a afeminação de alguns membros do time foi um dos principais fatores que motivaram o distanciamento dos fundadores do ManoTauros.

> O nosso treinador, o Eduardo, ele jogava com a gente, saiu do Bharbixas e montou o próprio time. Pelo fato também do nosso time se orgulhar de ser um time afeminado, isso talvez tenha afastado ele. Aí, ele montou o ManoTauros, que é o time dele. O time que surgiu foi basicamente isso, tipo: "ah, não quero fazer parte dessas bichinhas aí não, vou montar meu time". aí, é o ManoTauros ['Tauros' dito com ênfase e voz grave], sabe? Coisa máscula ['máscula' dito com voz grave e rouca]. (Pedro, Bharbixas)

Ângelo (ManoTauros) também destacou essa tensão como um fator decisivo para a cisão, indicando o que desejavam ao criar o ManoTauros.

> No início, a gente tinha uma... assim, *pelas falas não faladas*, a pretensão era um time mais... é... Odeio essa palavra, mas fica muito nesse sentido de um time mais *heteronormativo*... é... que fosse o oposto do que é o Bharbixas. Mesmo porque a gente saiu de lá meio que também por um tantão de coisa, mas também por isso. (Ângelo, ManoTauros)

Mesmo não gostando do termo "heteronormativo", Ângelo (ManoTauros) acreditava que essa era a melhor palavra para descrever o tipo de masculinidade que os fundadores do time almejavam. Ele citou as fotos compartilhadas nas redes sociais pelos membros do Bharbixas como exemplo da insatisfação que o ManoTauros sentia em relação à estética e à identidade daquele time. A Figura 1 ilustra o estilo de imagens produzido pelo Bharbixas, enquanto a Figura 2 apresenta o padrão visual adotado pelo ManoTauros.

Figura 1 – Foto da equipe do Bharbixas em 19 de maio de 2018



Fonte: *Instagram*/Bharbixas

Descrição: A equipe do Bharbixas está uniformizada e posando com a bandeira LGBTQIAPN+, com diversos jogadores fazendo poses afeminadas.

Figura 2 – Foto da equipe do ManoTauros em 12 de julho de 2018



Fonte: *Instagram*/ManoTauros

Descrição: A equipe do ManoTauros posa uniformizada com a bandeira do time, em uma formação séria e com os braços cruzados.

Portanto, para Ângelo (ManoTauros), as manifestações de gênero presentes nas fotos do Bharbixas pareciam exageradas ou caricaturais, e não uma manifestação legítima e autêntica da identidade de seus membros.

> Uma das coisas que pegou quando a gente saiu do Bharbixas, que o Bharbixas faz questão de *estereotipar* as fotos. A palavra que eu queria usar é mais que estereotipar... É uma *caricatura* de um gay que pode existir talvez no imaginário hétero, no imaginário gay e que a gente acha que muito mais aumenta o preconceito do que diminui. (Ângelo, ManoTauros)

Ângelo (ManoTauros) também compartilhou as preocupações que os membros fundadores do ManoTauros tiveram ao criar a identidade do time. Ele mencionou, por exemplo, o processo de escolha do nome da equipe.

> Juntou duas coisas que a gente queria, que é uma coisa aterrorizante do Minotauro, aquele homem forte, e a questão de falar: "*não somos viadinhos*". Aí, teve essa fusão de duas coisas: O "mano" pra falar: "olha, não é um time... embora seja gay, não se posiciona como caricatura". Acaba que seria a *caricatura de outra coisa*, né? (Ângelo, ManoTauros)

Assim, o processo de formação do ManoTauros foi marcado por um esforço deliberado para evitar que os seus membros fossem considerados "viadinhos", um termo que, usado no diminuitivo, carrega conotações pejorativas e de inferioridade. Os fundadores do time não apenas buscavam evitar essa associação, mas também queriam se distanciar totalmente da imagem estereotipada que eles acreditavam que ela representava. Para conseguir isso, optaram pelo uso do termo "mano", que remete a um gay amasculado, mais alinhado a um padrão masculino dominante. Embora Ângelo (ManoTauros) reconhecesse que esse modelo de hipermasculinidade pudesse ser interpretado como uma caricatura, ele parecia acreditar que, nesse contexto, essa caricatura tinha mais legitimidade. Isso se aproxima da ideia de que, para ser visto como um "homem de verdade", os gays precisam apresentar uma manifestação de gênero viril e alinhada com a masculinidade hegemônica, incluindo, por exemplo, voz grave e gestos firmes, como afirmam Aparecido Reis, Angelo Ferro e Felipe Rodrigues (2022).

Ângelo (ManoTauros) também compartilhou detalhes sobre como o mascote do time foi desenvolvido para reforçar essa identidade.

> Lá no início, eu, o Eduardo e o outro fundador do ManoTauros, quando a gente contratou o cara pra desenhar a logo do time, a gente pediu: "oh, a gente quer uma coisa *extremamente masculina*, aterrorizante, que passasse a sensação de medo". O desenho tinha que ser *bem másculo*, forte e aterrorizante. E nessa sequência: bem másculo, passar essa sensação de masculinidade. Tanto é que, na época: "como é que vai fazer pra caracterizar que é um time gay?" O Eduardo: [com voz brava] "oh, *não vai ter nada de caracterização de time gay!*" Aí, no fim das contas, aí sim, colocou uma pulseirinha nele que é de gay. E eu tinha pedido uma argola, o cara me coloca um *piercingzinho todo mulherzinha*... (Ângelo, ManoTauros)

A Figura 3 ilustra o mascote do ManoTauros, que exibe uma expressão agressiva e um corpo musculoso, ilustrando força e masculinidade. Renan Moura (2022) observa que, entre os gays, um corpo musculoso é frequentemente associado à

superioridade, e a força física é vista como a manifestação máxima da virilidade. Em contraste, a Figura 4 apresenta o mascote do Bharbixas, um veado em uma pose afeminada, similar àquela adotada pelos membros nas fotos das mídias sociais. Essa imagem reflete a manifestação de gênero mais afeminada que caracteriza a imagem coletiva do time.

Figura 3 – Mascote do ManoTauros



Fonte: ManoTauros

Descrição: Minotauro forte e bravo, exibindo os músculos e com as cores da bandeira LGBTQIAPN+ visíveis nos pulsos. Abaixo dele, está escrito “ManoTauros F.C”.

Figura 4 – Mascote do Bharbixas



Fonte: *Instagram*/Bharbixas

Descrição: Caricatura de um veado posando de forma afeminada, com a barba nas cores da bandeira LGBTQIAPN+. Acima dele, está a palavra “Bhambixa”.

Conclusão

A análise das manifestações de gênero dos membros do Bharbixas e do ManoTauros durante a formação desses times revela uma diversidade na forma como pessoas com a mesma identidade de gênero – uma vez que todos se identificavam como homens gays ou bissexuais – podem se manifestar. Foi possível observar que, além de muito distintas, suas manifestações podem ser até oposicionais. Isso demonstra que as manifestações de gênero não estão necessariamente vinculadas às identidades de gênero desses sujeitos, o que desafia as noções tradicionais que correlacionam a expressão ou a performatividade à identidade de gênero do indivíduo – seja ela vista como real ou imaginária.

Por outro lado, esse processo contribui para a formação de autopercepções distintas, evidenciando o surgimento de manifestações de gênero identitárias. Afinal, os

membros desses grupos desenvolvem imagens de si fortemente baseadas em suas manifestações de gênero, tornando a afeminação ou a amasculação componentes importantes da forma como eles se veem. No caso dos integrantes do ManoTauros, a amasculação foi reforçada por meio de uma manifestação de gênero intencional para construir uma masculinidade gay que se aproxima das normas cisheteronormativas. Esse processo demonstra uma busca ativa por autodefinição, em que a masculinidade é deliberadamente moldada e ajustada na busca por uma conformidade com os padrões hegemônicos.

Além disso, o estudo revela que a manifestação de gênero não se limita a processos individuais, mas também é um fenômeno coletivo moldado e expresso pelo grupo. Cada equipe desenvolveu um padrão de manifestação de gênero próprio que ia além das características individuais dos membros, resultando em uma identidade coletiva representada por nomes, símbolos, mascotes e imagens compartilhadas nas redes sociais. Nesse sentido, o Minotauro e o veado serviam como personificação dos membros desses grupos. No entanto, essa representação coletiva nem sempre reflete a realidade de todos os integrantes, sendo esse um dos fatores que levaram ao afastamento dos fundadores do ManoTauros. Porém, ao rejeitarem uma manifestação de gênero que consideravam excessivamente afeminada, eles deram a ver que a afeminofobia pode moldar esses coletivos, desvalorizando ou estigmatizando a afeminação.

A análise revela uma interação dinâmica entre manifestações de gênero espontâneas e intencionais, em que uma pode reforçar a outra. A manifestação espontânea de gênero, ao começar a moldar uma identidade específica, pode ser intensificada ou exagerada de forma deliberada para fortalecer essa identidade. Ambos os times realizavam esse processo, e a amplificação consciente das manifestações de gênero tornou-se um ponto central na dinâmica entre os dois grupos, resultando em uma forte divisão e oposição entre eles.

É necessário, no entanto, apontar algumas limitações da análise realizada. A primeira é o recorte temporal enfocado, relativo aos primeiros anos de formação das duas equipes. A última etapa do trabalho de campo apontou que, a partir do início da década de 2020, as diferenças entre os times começaram a se arrefecer, com a hipermasculinidade se tornando uma característica buscada menos ativamente pelo ManoTauros. Além disso, o Bharbixas diminuiu significativamente suas atividades a partir desse período, o que levou a uma relação interacional menor entre os dois times.

Por isso, o quadro apontado não deve ser visto como uma constante nas dinâmicas do futebol LGBTQIAPN+, mas sim como uma possibilidade de interação situacional e localizada, capaz de revelar dinâmicas de gênero possíveis, mas não obrigatórias, nesse espaço. O que não significa que ela não possa trazer elementos capazes de elucidar outros quadros interacionais, servir como ferramenta para análises futuras e contribuir para uma maior compreensão de determinados processos de gênero.

Em segundo lugar, é preciso lembrar que os times analisados compunham-se quase exclusivamente por homens gays ou bissexuais, estando todos os sujeitos entrevistados nesse perfil. Isso indica que as dinâmicas encontradas estão muito relacionadas a manifestações de gênero de homens gays ou bissexuais, não sendo possível transferi-las automaticamente para a leitura de vivências de outros sujeitos LGBTQIAPN+. Além disso, a amostra da pesquisa inclui apenas dois times, com entrevistas em profundidade com um grupo restrito de jogadores. Isso significa que foi privilegiado um trabalho qualitativo, a fim de buscar possibilidades potentes a serem aprofundadas, mas não cobrindo todo o leque de vivências existente nesses times e, muito menos, em todo o contexto do futebol LGBTQIAPN+. Esse é, ainda, um terreno de pesquisa pouco explorado, cuja necessidade de novas pesquisas continua pungente.

De todo modo, os processos de formação do Bharbixas e do ManoTauros indicam que as manifestações de gênero desempenham um papel importante tanto na formação de histórias individuais quanto na constituição de grupos e trajetórias coletivas. As categorias de manifestação de gênero – espontânea, intencional e identitária – mostraram-se importantes para expandir a compreensão desse fenômeno. O enfoque no conceito de manifestação de gênero, ao invés de alternativas como performatividade ou expressão, permite um deslocamento analítico que foca mais nos efeitos gerados pelos processos de gênero do que em sua gênese. Essa abordagem não rejeita totalmente a análise de origens, pois a intencionalidade é um aspecto considerado, mas propõe um caminho alternativo de exploração: sob a perspectiva pragmatista, a intencionalidade está relacionada ao pensamento voltado para a ação (Braga; Gastaldo, 2009). Esse enfoque pode abrir novas possibilidades para investigar questões de gênero, proporcionando uma visão alternativa dos fenômenos e revelando diferentes aspectos e implicações.

No entanto, esses resultados também nos mostram que, apesar das diferenças entre os conceitos de performatividade de gênero e manifestação de gênero, ambos os

quadros interpretativos nos levam a perceber que nossas ações são construídas com base em modelos existentes e que até mesmo o que acreditamos ser nossa própria vontade é formado a partir da internalização de pressões externas. Isso pode ser visto, por exemplo, nos esforços dos membros do ManoTauros para se amascularem. No entanto, assim como nas possibilidades de encontrar brechas na repetição das normas, identificadas pelo conceito de performatividade, manifestações intencionais de gênero também podem emergir da resistência à reprodução de normas, permitindo subversões, como no caso dos Bharbixas. Assim, manifestação de gênero e performatividade de gênero também podem, sob determinados aspectos, ser vistas como dinâmicas correlacionadas.

Mencionei como o conceito de performatividade pode ser usado como uma lente analítica para entender como manifestações intencionais de gênero podem internalizar gestos que são, então, reproduzidos automaticamente pelos sujeitos. Seria possível pensar também pensar em outras contribuições entre esses conceitos, que podem ser exploradas em pesquisas futuras, como o uso da sobreposição entre manifestações de gênero espontâneas e intencionais para investigar possíveis relações entre processos de performatividade de gênero e performance de gênero. Articulações como essas podem nos ajudar a compreender processos complexos, cuja leitura se beneficiaria da combinação de diferentes perspectivas.

Assim, novas investigações e aplicações do conceito proposto de manifestação de gênero seriam necessárias para levar a um entendimento mais conclusivo sobre o potencial e a pertinência dele para ser usado de forma independente ou para ser tomado como complementar ao conceito de performatividade de gênero. Neste último caso, as formas concretas como esses conceitos poderiam se articular ainda demandariam ser mais plenamente determinadas em futuros esforços de pesquisa.

Referências

AMARAL, Flávio Cavalcanti Pinto do; BUENO, Victor Pimenta. *Midiatizando performances da representatividade: a abordagem do futebol gay pelo GloboEsporte*.com. Anais do VII Seminário de Pesquisas em Mídia e Cotidiano. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2018. p. 253-266.

BRAGA, Adriana; GASTALDO, Édison. *O legado de Chicago e os estudos de recepção, usos e consumos midiáticos*. FAMECOS, Porto Alegre, v. 16, n. 39, p. 78-84, ago. 2009.

BUTLER, Judith. Críticamente subversiva. In: Jiménez, Rafael M. Mérida. *Sexualidades transgressoras: una antología de estúdios queer*. Barcelona: Icária Editorial, 2002. p. 55-80.

BUTLER, Judith. *Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista*. In: Caderno de Leituras n. 78. Belo Horizonte: Edições Chão de Feira, 2018. p. 1-16.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMARGO, Wagner Xavier de. *Gêneros em disputa: a LiGay Nacional de Futebol Society e o espaço de acontecimento*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 29, n. 2, p. 1-13, mai./ago. 2021.

CAMARGO, Wagner Xavier de. *Notas de pesquisa sobre o "futebol LGBT" no Brasil*. In: CRFB. Corpos e campos plurais: a diversidade no futebol. São Paulo: ID Brasil Cultura; Educação e Esporte, 2022. p. 33-42.

COLLING, Leandro; ARRUDA, Murilo Souza; NONATO, Murillo Nascimento. *Perfechatividades de gênero: a contribuição das fechativas e afeminadas à teoria da performatividade de gênero*. Cadernos Pagu, Campinas, n. 57, p. 1-34, 2019.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James W. *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr. 2013.

FRANÇA, Vera Veiga; SIMÕES, Paula Guimarães. Escola de Chicago. In: CITELLI, Adilson; BERGER, Christa; BACCEGA, Maria Aparecida; LOPES, Maria Immacolata

Vassallo de; FRANÇA, Vera Veiga. (Orgs.). *Dicionário de Comunicação: escolas, teorias e autores*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 138-146.

LOURO, Guacira Lopes. *Corpo, escola e identidade*. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 59-76, jul./dez. 2000.

MOURA, Renan Gomes de. *A representação da masculinidade hegemônica e do viril nas capas de uma revista homoerótica como fonte de reprodução da masculinidade hegemônica*. Cadernos de Gênero e Tecnologia, Curitiba, v. 15, n. 45, p. 317-337, jan./jul. 2022.

PRECIADO, Paul. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: N-1 Edições, 2014.

REIS, Aparecido Francisco dos; FERRO, Angelo Luiz; RODRIGUES, Felipe de Morais. *"Gosto de homem com jeito de homem": as configurações do desejo, da atração e da sexualidade na busca pela masculinidade ideal*. RECIMA21, Jundiaí-SP, v. 3, n. 2, p. 1-19, fev. 2022.

RIAL, Carmen Silvia de Moraes. *Antropologia e mídia: breve panorama das Teorias da Comunicação*. Antropologia em Primeira Mão, Florianópolis, n. 1, p. 4-64, jan./dez. 1995.

SILVA, Jarlson Carneiro Amorim da; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira; FERNANDES, Bertyza Carvalho de Falcão. *Preconceitos no esporte escolar: um contexto de discursos heteronormativos e homossexualidade*. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 305-320, abr./jun. 2021.

SILVESTRIN, Julian Pegoraro; VAZ, Alexandre Fernandez. *Meninos bons de bola: transmasculinidades em quadra*. CSOnline, Juiz de Fora, MG, n. 31, p. 153-167, jan./jun. 2020.

SOARES, Samara Sousa Diniz; STENGEL, Márcia. *Netnografia a pesquisa científica na internet*. Psicologia USP, São Paulo, v. 32, p. 1-11, 2021.

STOLLER, Robert Jesse. *Sex and gender: the development of masculinity and femininity*. Londres: Karnac Books, 1984.

THOMAS, William Isaac; THOMAS, Dorothy Swaine. *The child in America: behavior problems and programs*. New York: Knopf, 1928.